Ano XII ... Nº 374 ... Uberaba/MG ... Julho/Agosto de 2012

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Foto: Paulo Brandão

Gente feliz
Coral motiva idosos a viver mais e melhor

07

Tradição
Serenatas provam por que se eternizam

08

Quebra de limites
Dj J.Edu perdeu a visão, mas não desistiu do sonho

13

A harmonia da vida regida pela música

Maestrina toca nove instrumentos e conta como o som pode influenciar no bem-estar de cada um

pág 14

issuu-downloader.com

O silêncio do **toca-discos**

Alex Gonçalves
8º período de Jornalismo

Estive pensando outro dia sobre o que fazer com um antigo toca-discos que ficou durante anos guardado no quarto de despejo. Tal invento, que era, na época, a mais nova tecnologia do mercado, que superou tantas mutações desde Thomas Edison com o seu xilofone, hoje não passava de um embrulho na prateleira.

Desamarrei o nó que havia dado no cordão, abri a caixa e lá estava ele, coberto com alguns jornais amarelados. Joguei-os para o lado e suspendi a tampa. A fina agulha que dançava em círculos sob o prato negro, já "cantou" amores, tragédias, encontros e desencontros. A música muitas vezes foi um bálsamo. Arrisquei e o coloquei na tomada. Ele iluminou-se. Havia nele mais do que funcionalidade. Acreditei que aquele aparelho tinha uma alma. Coloquei um disco e a música quebrou o silêncio.

Essa sensibilidade de criar uma melodia que traga para o outro um ensimesmar é um dom inefável. Talvez seja por isso que os anjos carregam instrumentos nas mãos.

Acredito que Beethoven, quando jogava água gelada sobre a cabeça, não era apenas para criar suas melodias. Ele tinha, como propósito, congelar aquele momento, para que a eternidade pudesse sentir o valor de cada nota. A surdez não tirou da liberdade criativa desse pilar da música ocidental o brilho da composição.

A música, quando é composta com o coração, ultrapassa os limites da audição. Ele impregna-se na alma humana, e assim indica o compasso da canção.

Os acordes, algumas vezes tristes, que compuseram tantos balcões ao longo das ruelas dos antigos casarões, sabem o quanto vários corações já choraram sobre as partituras.

Sou de uma época em que a música vem para acarinhar e não incitar arrastões de vulgaridade, que para mim são sustenidos de deselegância. Não discuto aqui o gosto musical de ninguém, mesmo porque, ao criar uma música ou cantarolá-la, cada um sabe o que o motiva.

Junto ao toca-discos, encontrei alguns panfletos dos recitais e corais que já fui. Fiquei triste porque vi que foram poucos.

O coral que envolve não só a musicalidade, mas a psicologia, sociologia e tantas outras ciências afins, traz o belo até o povo. A música é uma linguagem universal. Idosos, crianças, empresas e grupos étnicos, cada um à sua maneira, trazem à memória de quem ali está, uma lembrança dos tempos idos, uma quimera. Quem não tem um amor para recordar, uma saudade para matar ou então uma dor para curar?

A música tem o poder de criar, dar vida, materializar. Foram inúmeras as vezes nas quais me peguei batendo o pé para acompanhar a sincronia de alguma música. Quem nunca se arriscou, debaixo do chuveiro, a soltar algumas notas ou coreografias? Para Kant, a música é a arte que anima. Quem sou eu para discordar?

No quarto há também uma caixa de música sem a bailarina. Ela talvez tenha se cansado do silêncio e corrido para outras notas. Um violão, um pandeiro e algumas panelas. Estaria ali uma orquestra silenciada?

Diante das constatações, limpei o toca discos e coloquei-o de volta na caixa. Ele sabia de mim talvez muito mais do que eu dele. A agulha ainda estava lá, à espera de mais uma história, de mais um amor, de mais uma nota para ser lida por ela. Talvez seja isso o que acontece com tudo o que está no quarto de despejo.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ··· **Reitor:** Marcelo Palmério ··· **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ··· **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ··· **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ··· **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ··· **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Fernanda Borges (8º período/Jornalismo), Carlos do Amaral (8º período) ··· **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ··· **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ··· **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ··· **Telefone:** (34) 3319 8953 ··· **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Escolas ignoram Lei do Hino

Foto: Gabrielle Paiva

Gabrielle Paiva
2º período de Jornalismo

Em vigor há três anos, a lei proposta pelo deputado federal Lincoln Portela, que obriga todas as escolas fundamentais a executarem o Hino Nacional, no mínimo, uma vez na semana, ainda não obteve resultados, pelo menos, em Ituverava, interior de São Paulo.

A lei não determina o horário nem o dia em que o Hino deve ser executado e também não garante punição aos estabelecimentos que não a obedecerem.

Apesar das determinações, somente duas escolas, entre 15, públicas e privadas, obedecem à lei na cidade paulista.

O objetivo da lei é impor o conhecimento dos alunos sobre a letra e a história do Hino, além de estimular a demonstração de amor à pátria entre as crianças e os jovens. Segundo a estudante Carolina Masete, que estudou em uma escola onde o Hino era executado, nos primeiros dias da execução os alunos se interessavam. Com o passar do tempo, esse interesse se perdeu e a escola passou a diminuir a frequência das execuções, até que o estabelecimento definitivamente parou de cumprir a lei.

"Não adianta obrigar os alunos a cantarem o Hino. Enquanto eles são crianças, podem conseguir bons resultados, mas os mais velhos já têm uma visão mais ampliada da situação do país e não respeitam, dificultando o desenvolvimento de sentimentos patriotas.", declara a professora Silvana Avanci, que atua em duas instituições que não executam o Hino.

Para ela, normalmente esse patriotismo é notado em tempos de eventos esportivos, onde o Hino é executado e a nação inteira declara amor à pátria, não importando a situação do país no momento.

A voz dos educadores

A secretária da educação de Ituverava apoia a execução do Hino nas escolas. "O conhecimento sobre o Hino e todos os outros símbolos nacionais deve ser adquirido no período escolar, para reforçar sentimentos de civismo e patriotismo nos estudantes", acrescenta Maria Sara.

Já a diretora Dânia Maria, que trabalha em uma escola infantil, onde o Hino é tocado toda sexta-feira, garante que o aprendizado acerca da letra do Hino é essencial. Por trabalhar com crianças de três a cinco anos, ela declara que esse é o primeiro passo para a estimulação do patriotismo e do sentimento de valorização aos símbolos nacionais. "As crianças saem do ensino infantil já preparadas, dependendo somente das escolas fundamentais para concluírem o processo", afirma a diretora.

Carolina Masete diz que os alunos perdem o interesse pelo Hino

Outros diretores e coordenadores se recusaram a falar sobre o tema.

Opinião de mãe

"Quando eu estudava, por volta de 1974, o hino era tocado todos os dias. Na época, ninguém discordava e nem desrespeitava. Se as escolas se comprometessem a voltar a exercer essa prática, mesmo que aos poucos, iriam motivar os estudantes e ajudariam a formar cidadãos mais nacionalistas e mais éticos", opina Regina Masete, mãe de dois filhos que estudam atualmente em escolas onde o Hino não é executado.

Você sabia?

• O Hino Nacional do Brasil foi composto em 1822, por Francisco Manuel da Silva, para comemorar a Independência do país.

• A música tornou-se popular nos anos seguintes e recebeu duas letras. A primeira foi produzida quando Dom Pedro I abdicou do trono, e a segunda, na época da coroação de Dom Pedro II. Ambas versões caíram no esquecimento. Após a Proclamação da República, em 1889, foi realizado um concurso para escolher um novo Hino Nacional. A música vencedora, entretanto, foi hostilizada pelo público e pelo próprio Marechal Deodoro da Fonseca. Esta composição ("Liberdade, liberdade! Abre as asas sobre nós!...") foi oficializada como Hino da Proclamação da República do Brasil, e a música de Francisco Manuel continuou como hino oficial.

• Somente em 1906 foi realizado um novo concurso para a escolha da melhor letra que se adaptasse ao hino. O poema vencedor foi o de Joaquim Osório Duque Estrada, que foi oficializado por decreto do então Presidente Epitácio Pessoa, em 1922, e que permanece até hoje.

issuu-downloader.com

Crianças de seis anos brincam de aprender música no Conservatório

Tiago Mendonça
2º período de Jornalismo

Crianças a partir de seis anos de idade podem ser alunas no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, em Uberaba. Lá, os pequenos alunos aprendem a tocar violão, cavaquinho, flauta, dentre outros instrumentos musicais.

"A criança chega aqui cheia de vontade de fazer música, cheia de energia, então, nós canalizamos essa vontade para a música mesmo. Exploramos ao máximo as brincadeiras e os jogos que a criança já têm vivência e, a partir de então, construímos a educação musical dela", explica a professora Ana Márcia Souza Gonçalves.

A especialista em inicialização musical infantil, Salimar de Fonseca Carvalho, conta que a cada ano aumenta a procura. "São crianças em busca de se tornarem músicos ou apenas aprender a tocar algum instrumento. Todos ficam empolgados por ser uma aula de prática em instrumentos, por semana", afirma.

O pequeno Lorran tem apenas sete anos e já está no segundo período do conservatório. "Meu sonho é aprender tocar guitarra, só que faço violão e piano porque meu pai me matriculou nesses instrumentos, mas quero trocar", conta o aluno.

Os benefícios da inicialização musical refletem na sala de aula da escola. Segundo Ana Márcia, quando a criança trabalha música, automaticamente vai desenvolver a atenção e a concentração. Ela exemplifica que, em uma aula de coral, o regente faz jogos, brincadeiras e atividades exigindo atenção da criança. "Trabalhamos com músicas reafirmando essa questão da concentração, do pensamento lógico, do espaço geográfico. Então, a criança toma conhecimento do mundo porque a música traz a cultura", completa a professora.

Foto: Divulgação

O conservatório estadual Renato Frateschi funciona desde 1949

O Conservatório Estadual atualmente tem mais de 100 alunos, de seis a 12 anos de idade.

A instituição funciona desde 1949, mas foi considerada conservatório na década de 50.

Além da musicalização, há cursos técnicos em instrumentos e específicos para a terceira idade. Todos são oferecidos gratuitamente.

Os documentos necessários para matrícula são xerox da carteira de Identidade, Certidão de Nascimento ou Casamento, declaração de escolaridade ou histórico escolar do 2º grau e duas fotos 3x4 (recentes).

Matrículas de alunos menores de idade deverão ser realizadas pelos pais ou responsáveis.

O conservatório fica na avenida Nelson Freire nº 800, no bairro Leblon.

Mais informações pelo telefone (034) 3312-2392.

issuu-downloader.com

Musicoterapia
ajuda alunos da Apae

Stella Marjory
2º período de Jornalismo

"Quem canta seus males espanta", diz o ditado popular. Os alunos da Apae de Uberaba são a prova disso. Por meio das aulas de musicoterapia, cerca de 400 crianças e adolescentes aprendem a interagir com a sociedade e desenvolvem uma série de outros fatores essenciais para a sua melhora.

A musicoterapia estimula as pessoas por meio da música, além de auxiliar no tratamento de algumas doenças, como a depressão. No caso dos excepcionais, contribui com o desenvolvimento da coordenação motora, socialização, memória, orientação espacial, equilíbrio, dentre outros.

Na Apae, as aulas, dirigidas pelo professor Eliezer Carvalho, são obrigatórias em todas as turmas, a partir da educação infantil. O encontro começa com um aquecimento das cordas vocais e segue com exploração dos instrumentos, alternando a velocidade dos ritmos. Na etapa seguinte, as crianças cantam, dançam e tocam ao mesmo tempo, aumentando o grau de dificuldade. São utilizados instrumentos como violão, bateria, percussão, tambor, pandeiro e cajon (um instrumento de percussão originário do Peru). Há também instrumentos artesanais, feitos com garrafas pet e materiais reciclados, adaptados conforme as deficiências dos alunos.

Durante as aulas, realizadas uma vez na semana, com cerca de 40 minutos de duração, os alunos participam cantando, dançando e interagindo uns com os outros.

Segundo o professor, alguns jovens se mostram desmotivados nas outras aulas convencionais, mas na de musicoterapia ficam muito empolgados. Aqueles que possuem problemas de locomoção mais graves fazem as aulas individualmente e, à medida que se desenvolvem, juntam-se ao grupo. "A música por si só tem um papel muito importante no desenvolvimento do aluno", declara o professor.

Os resultados da terapia podem ser notados a médio e longo prazo. "As aulas são bem interessantes. Faço há 10 anos e, principalmente, minha coordenação motora melhorou muito", afirma o estudante Matheus da Silva Dias, de 17 anos, apaixonado por música sertaneja.

Foto: Stella Marjory

O professor Eliezer Carvalho coordena o projeto em todas as turmas

Foto: Divulgação

Coral Saber Viver promove igualdade

Pollyana Freitas
2º período de Jornalismo

"Superação". Sem hesitar essa foi a resposta do aluno Richard Max Gomes Alves Ferreira, de 17 anos, ao ser questionado sobre o que o Coral Saber Viver representava em sua vida.

O Coral, idealizado há 18 anos, na APAE de Uberaba, pelo psicólogo e músico, Tadeu Gomes, tem como professor responsável Eliezer Carvalho. Além dele, a equipe é composta por fisioterapeuta, psicóloga, fonoaudióloga, enfermeira e músicos profissionais voluntários. Para os 35 alunos, a música tem papel de socialização, coordenação rítmica e motora, auxilia na memória e transforma a vida.

Mudou a vida de Richard. Desde 2004 na APAE, só no início desse ano passou a integrar o Coral, participando dos ensaios, e já desenvolveu habilidade para a bateria e o cajon, instrumento apelidado de carrinho. A dificuldade na coordenação motora da mão direita praticamente passa desapercebida ao seu talento.

Morador da zona rural e aluno do ensino regular na Escola Municipal Totonho de Moraes, ele cursa a 7ª série, e confessa: "gosto mesmo é de rock".

O coral

O Coral tem patrocínio da Usina Caeté e uma lista enorme de apresentações. Entre tantas, já abriu o espetáculo do ator Marcos Frota e o show do Sérgio Reis.

"As apresentações do Coral Saber Viver sempre terminam em lágrimas. Um choro não de tristeza, mas sim de encanto, esperança, emoção e por que não, superação. Tais apresentações servem como lição de vida e não há nada melhor no mundo do que trabalhar em algo que te deixa feliz. Eu sou muito feliz ao lado dessas crianças!", relata o professor de musicoterapia, Eliezer, com olhos cheios de lágrimas.

issuu-downloader.com

Curso de música e canto

para jovens é destaque em colégio

Rodrigo Tubaraum
2º período de Jornalismo

O projeto musical desenvolvido pelo Colégio Cenecista Doutor José Ferreira começou, em 1988, a partir do sonho antigo do educador e, hoje, diretor da instituição, Danival Roberto Alves. O objetivo do trabalho era inserir os alunos em um ambiente cultural, os enriquecendo por meio do conhecimento de estilos musicais, gêneros e também instrumentos. Apesar do curso ser direcionado aos alunos do José Ferreira, é aberto também a instituições que cuidam de crianças e adolescentes em médio risco social e a toda comunidade. Não há teste vocacional como forma de inserção ao projeto.

As aulas são ministradas duas vezes por semana, divididas em prática e teórica. À medida que o aluno muda de nível, aumenta a carga horária, de acordo com o instrumento escolhido, sempre em turno alternativo.

Embora desenvolvido dentro de uma instituição educacional, o curso musical não gradua curricularmente os participantes, funcionando apenas como um opcional. Coordenador do curso há dois anos, Daniel Amâncio de Souza fala da satisfação de poder desenvolver um trabalho específico com vários alunos, que, ao longo do tempo, vão descobrindo seus talentos. "Boa parte dos alunos acaba alcançando posições de destaque quando se dedicam aos estudos, podendo até fazer parte da orquestra da escola, que costuma se apresentar em eventos musicais da própria instituição ou convidada pela comunidade", disse o coordenador.

Atualmente, o curso musical do Colégio Doutor José Ferreira abrange uma multiplicidade de instrumentos, que variam entre a percussão brasileira e a africana, passando por todos os instrumentos de cordas e cordas dedilhadas, além dos de orquestra e a toda a família de instrumentos de sopro. Desde o início do projeto, os alunos têm aulas de canto.

Fotos: Arquivo Pessoal

Ísis Cunha, de 17 anos, é aluna do colégio Doutor José Ferreira há mais de 10 anos, está terminando o Ensino Médio. Ela foi uma das primeiras alunas do projeto musical da escola e conta que, desde muito nova, teve uma aproximação com a música, pelas aulas de bateria, percussão e

issuu-downloader.com

O coordenador Daniel Amâncio integra o projeto há dois anos

orquestra. Além das oportunidades oferecidas pelo colégio, teve influências familiares baseadas no Rock. "Isso de uma certa forma me enriqueceu musicalmente como instrumentista e percussionista, como também para o canto que venho desenvolvendo", afirma a estudante.

Vivendo o seu último ano letivo na escola, Ísis, que também é atriz, já se apresentou em dois musicais da instituição e em cinco apresentações com a orquestra. Ela pretende aprofundar mais seus estudos em música, baseada naquilo que aprendeu e, com esse aperfeiçoamento, formar uma banda.

"De alguma forma, a música me completa e tudo isso graças à base que eu tive. Não consigo me ver longe da música, pois quando você inicia os seus estudos, percebe que seus ouvidos se tornam aptos e sensíveis a toda uma musicalidade ao redor. Quando isso te faz muito bem, como no meu caso, não há por que se manter distante. A música é essencial na minha vida. Os sentimentos que você não consegue expressar em palavras, muitas das vezes, você expressa em uma melodia e, devido a isso, me sinto tão próxima à música, pelo fato de ela me entender e complementar a minha vida", aprofunda Ísis.

Atualmente, cerca de 1000 alunos participam do projeto. O curso abrange desde as séries iniciais da Educação Infantil até os alunos do terceiro colegial. Porém está em processo de formação de turmas com capacitação técnica por meio do Instituto Musical Cenecista Odete Carvalho de Camargos. As aulas são ministradas sem nenhuma mensalidade adicional cobrada dos alunos. Para os membros da comunidade, também não existe uma taxa mínima.

Todos os trabalhos artísticos e musicais do Colégio Cenecista Doutor José Ferreira podem ser encontrados no site www.joseferreiracnecuberaba.com.br. Para mais informações (34) 2103-0700.

Idosos encontram a **felicidade na música**

Camila Paiva
2º período de Jornalismo

O Coral Quem Canta Seus Males Espanta é realizado, nas tardes de terças feiras, na Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), com 30 idosos de Uberaba. A assistente social Nara de Oliveira, a psicóloga Dilce Ribeiro, idealizaram esse projeto em março do ano passado, para envolver os idosos que têm vontade de cantar, mas não tem a técnica necessária. "A iniciativa do coral veio da busca que os idosos tinham de superação. Já que eles não conseguem acompanhar o grupo especializado do coral que existe na UAI, se sentiam excluídos e desmotivados. Criamos, então, um espaço onde todos se divertem cantando, sem se preocupar com o timbre da voz", explica Nara.

Os cantores se sentam em forma de círculo. Cada idoso tem uma pasta com a letra das músicas escolhidas por eles mesmos no decorrer das aulas.

Nara e Dilce coordenam o grupo, mas preferem que os próprios participantes se manifestem na construção do repertório.

Não há uma orquestra, muito menos uma divisão entre cantores de grave, agudo ou soprano. Todos cantam no ritmo que conseguem. O grupo conta com um único violão, revezado entre o Dênis e o Júlio, que aprenderam a tocar na juventude.

Denis de Paula é um dos cantores mais antigos do coral e um exemplo de superação. Depois que entrou para o grupo, abandonou o alcoolismo, motivado pelos colegas e orientadoras. "Agora, sou uma pessoa bem mais feliz. Não bebo, nem mesmo cerveja, para poder levar aos outros a felicidade que o coral trouxe para mim", afirma Denis.

Outro exemplo é Júlio Mendonça que, com 76 anos, faz academia, natação e não perde nenhum encontro do coral. "Aqui no Coral, nós formamos uma família unida, sem brigas. É aqui que mora a felicidade", disse Júlio.

Qualquer idoso pode participar. A sede da Uai fica na Avenida Leopoldino de Oliveira, 1254, no Parque do Mirante. As aulas são das 14h às 15h. Mais informações pelo telefone (34) 3312-6415.

issuu-downloader.com

A serenata ainda sobr

Mariana Dias
2º período de Jornalismo

A serenata, a mais antiga tradição de cantoria popular das cidades, é um tipo de homenagem para alguém muito especial. Antigamente, os rapazes apaixonados faziam serenata debaixo das janelas de suas amadas, por volta da meia-noite, tocando violão, cantando e recitando poemas românticos.

Essa tradição veio para o Brasil com os primeiros portugueses. Em 1917, os primeiros relatos da serenata aqui no país foram feitos por um viajante francês, que em um passeio a Salvador, descreveu em nota: "à noite só se ouviam os tristes acordes das violas tocadas por portugueses a passear debaixo dos balcões de suas amadas cantando, de instrumento em punho, com voz ridiculamente terna".

Em 1910, surgiram os seresteiros, pessoas que acompanhavam o rapaz até a casa das donzelas. Esses seresteiros, até hoje, são muito importantes para uma boa serenata.

Lázaro de Freitas Fidélis, de 74 anos, já aposentado, participou ativamente de um grupo de serenata e diz que era comum eles serem convidados para homenagear a namorada de alguém, um aniversariante em bodas de prata, de ouro, pedidos de casamento, festas de noivado.

Geralmente, as serenatas eram realizadas por volta da meia-noite. Ao som de dois violões, cavaquinho, acordeão e um violino eram feitos todos os tipos de canções: xotes, valsas, boleros. Em comemorações de bodas, aniversários, as quatro músicas iniciais se multiplicavam, tornando a serenata uma verdadeira festa até o amanhecer.

O grupo de Lázaro não recebia nenhuma remuneração porque, segundo ele, tocava por puro prazer. "Ainda se faz serenata, mas antigamente era muito mais bonito. Principalmente em períodos de noites mais quentes, de luar bem estalado, a gente saía e não tinha hora de voltar", recorda.

Lázaro reconhece que os costumes mudaram muito. Para ele, muitas músicas atuais têm sucesso, porém não fazem o mínimo sentido. "O bom gosto desapareceu. As músicas de serenata eram mais bonitas, mais românticas. Era mais ameno. O mundo hoje é mais triste. O jovem não canta porque não existe música pro jovem cantar".

O músico conta que, antigamente, os seresteiros saíam pelas ruas tranquilamente, porém, hoje em dia, a violência impede que isso aconteça.

"Uberaba é chamada de tradicionalista, mas não é. Somente as cidades históricas ainda têm muitos grupos de serenatas".

Fotos: Mariana Dias

A cantoria na terra do zebu

Na cidade de Uberaba, ainda existem pessoas que mantêm a tradição. Jesus Pedro Severiano, de 65 anos, é fiscal de piso em um shopping de Uberaba. Além deste trabalho, ele integra um grupo de serenata com mais dois amigos. Está no ramo há 48 anos e, atualmente, em função de um empresário, a procura por serenatas aumentou.

Jesus diz que a principal diferença entre fazer serenata antigamente e hoje em dia, está na diversidade de estilos de música. "Hoje, temos a música country, a música pop e, antigamente, não se tinha esses tipos de música".

O trio utiliza dois violões e um acordeon nas serenatas e

issuu-downloader.com

evive nos dias de hoje

> É uma lembrança que você ganha e não esquece

defende o estilo sertanejo raiz. O preço das serenatas varia de R$100 a R$250, dependendo da quantidade de músicas pedidas.

Jesus explica que os carros de mensagem tomaram o lugar de quem faz as serenatas. "Agora, quem faz a serenata precisa muito manter a tradição", afirma.

Os causos dos seresteiros

Desde os 14 anos de idade, Stelmar José da Silva Júnior trabalha como marceneiro e músico. Hoje, aos 47 anos, ele é um defensor das serenatas. "É uma lembrança que você ganha e não esquece", diz.

O músico atende pessoas de várias idades: as mais velhas, e os mais jovens. Segundo ele, a serenata não tem idade.

Os instrumentos da serenata são violão e voz, mas pode-se usar instrumentos de sopro e violino. Stelmar explica que quanto mais instrumentos tiver, mais bonita fica a apresentação.

"Geralmente, as músicas mais pedidas são as músicas antigas, como as de Paulo Vanzolini, Evaldo Gouveia e Jair Amorim, Nelson Gonçalves, mas, às vezes, tocamos algumas atuais também".

Em várias serenatas, a pessoa que encomenda a serenata acompanha Stelmar para declamar uma poesia ou um texto ao homenageado.

"Certa vez fomos fazer uma serenata, próximo ao quartel, numa época em que a rua nem era asfaltada ainda. Era frio de mês de junho e a gente chegou para cantar e o Bené (o rapaz que tinha pedido a serenata) indicou o local para a gente falando que tinha um muro, uma janela 'assim e tal'. Só que nós chegamos pelo outro lado, porque era uma casa de esquina. Nós começamos a cantar e, quando estávamos na terceira música, saiu o Bené da outra casa, só de cueca, no frio e gritando com a gente: 'não é aí não! Aí é o chiqueiro! Daí, fomos descobrir que gente estava cantando para os porcos", diverte-se Stelmar.

A surpresa na madrugada

Ele diz que a reação das pessoas ao receber uma serenata é interessante. "Da última vez que eu fiz serenata para uma colega da família, ela chorava, colocava a mão no rosto e chamava a gente de doido".

O músico conta que algumas vezes a pessoa chora e parece não acreditar no que está acontecendo. "Já aconteceu de eu terminar uma serenata às 9h da manhã, numa fazenda, tocando um violão só com três cordas porque todas as outras haviam se arrebentado", relembra.

Para Stelmar, a principal diferença das serenatas com o passar dos tempos está nos tipos de músicas. "As músicas de antigamente tinham verso e prosa. As de hoje já não têm mais nada disso. Estamos na fase do 'tchu tchá tchá', 'lêlêlê', 'baráberê'.

Ele diz que antes existia mais romantismo no ar. "Hoje temos outras formas de homenagem: as floriculturas, carros de mensagem, cestas de café da manhã, mas a serenata ainda continua, ou seja, não acabou a tradição", completa.

Coisa de novela

A esposa de Stelmar, Luciene Cassiano Teixeira, de 39 anos, já recebeu uma serenata do marido.

"Eu fiquei emocionada. A serenata é algo mais romântico. Fica parecendo novela. Alguém chega à sua janela, tocando violão e cantando diretamente para você. É mais bonito", afirma.

Stelmar acha que a serenata tem que continuar. "Coisas boas têm que continuar. Já imaginou se um dia a serenata morrer, ficar só na lembrança?", conclui Stelmar, reforçando que tem esperanças de que, um dia, seu filho venha a fazer serenatas, assim como ele.

issuu-downloader.com

Igreja também toca Rock para louvar e inovar

Flávia Jacob
2º período de Jornalismo

Fundada há três anos, a Casa Voadora, uma igreja cristã protestante, voltada para o público jovem em Uberaba, vem utilizando o gênero musical rock em seus cultos.

Assim como outras igrejas, como por exemplo, Bola de Neve, Comunidade Casé e Caverna de Adulão, que são consideradas igrejas underground, a Casa Voadora acredita que o estilo musical que toca seja o diferencial dela para outras igrejas e serve também como um atrativo, pois muitas pessoas vão aos cultos somente pela música, apesar de este não ser o objetivo principal da igreja.

O grupo de louvor da Casa Voadora tem em seu repertório musical algumas músicas do Rodox e Rodolfo Abrantes, que são do gênero hardcore/punk cristão, e somente uma música de própria autoria.

Talles Gabriel, um dos idealizadores da igreja, explica que o nome Casa Voadora surgiu de dois significados. "Casa é porque na Bíblia fala que o corpo das pessoas são casas de Deus e o Voadora surgiu porque, para buscar a Deus, para se encontrar com Ele, precisamos voar e o local que abrigava a igreja ficava no alto. Quem estava na rua e olhava tinha a impressão de que a casa realmente estava flutuando."

Na igreja, primeiro há as apresentações musicais chamadas de louvor e, logo após, é realizada a pregação, com leituras bíblicas e orações.

Fotos: Flávia Jacob

Talles afirma que a música é uma forma de expressão, de liberdade. "A gente grita, chora, pula etc. Na Bíblia fala que quando a gente canta é a mesma coisa de fazermos duas orações. Então, por isso, aqui a gente toca mais do que fala. Além de ser uma coisa que a gente realmente gosta."

A Casa Voadora, segundo Talles, é como uma Arca de Noé, com todo tipo de gente. "Desde uma patricinha até um mendigo, o objetivo aqui é entregar o coração para Deus, sem olhar estilo, roupa ou gênero musical. Deus só olha para o nosso coração, afirma Talles.

O mercado da Música Gospel

No Brasil, enquanto lojas de CDs fecham e gravadoras seculares sofrem com a pirataria, a música gospel tem crescido em popularidade e vendas.

O mercado convencional tem aproximadamnte 60% de suas vendas de forma pirata, enquanto o mercado gospel tem apenas 15%. O fato tem levado diversas gravadoras como Som Livre e Sony Music a adotarem um selo gospel e a entrar neste mercado aquecido.

A MK Music, considerada a maior gravadora evangélica do Brasil, atinge recordes de venda. Em novembro do ano passado, passou a marca dos 3 milhões de CDs e DVDs vendidos. Estima-se que o mercado fonográfico gospel movimenta 2 bilhões de reais por ano.

Fonte: Gospel+

issuu-downloader.com

Rock na Sacada reúne várias tribos

Bruno Assis
2º período de Jornalismo

Guitarra, baixo, bateria e um microfone. Tudo organizado num espaço de aproximadamente dois metros de largura por seis de comprimento. Uma sacada foi suficiente para que diversas bandas tocassem durante toda uma tarde de domingo, levando o rock n'roll gratuitamente a quem passasse por ali.

"O Rock na Sacada é um festival de rock nascido em 2009. Surgiu a partir de uma conversa entre meu pai e eu na sacada da minha casa, onde é organizado evento", conta Mateus Graffunder, integrante da banda Granvizir.

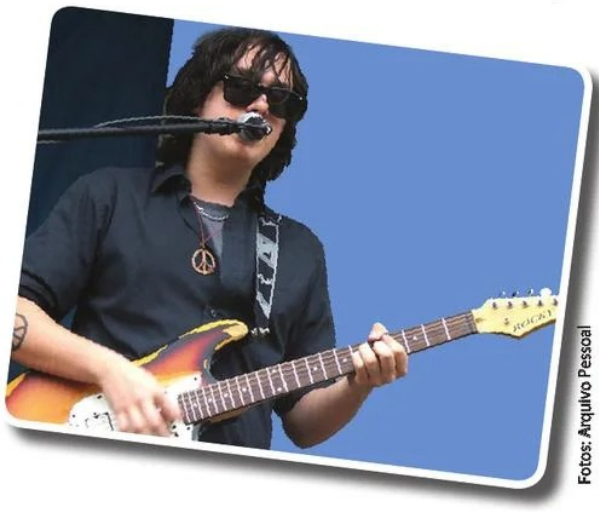
O músico então propôs o evento aos demais integrantes de sua banda e a partir dessa conversa despretensiosa a ideia evoluiu e transformou-se na festa.

"Nossa intenção era fazer um evento anual, mas por falta de apoio não conseguimos realizá-lo nos anos seguintes. A segunda edição ocorreu em 2012 e, a partir de agora, queremos realizar o evento uma vez por ano", afirma o organizador do festival, Mateus.

As duas únicas edições do evento aconteceram na Rua José Caetano de Rezende, 424, Bairro Olinda, e contaram com as apresentações das bandas Granvizir e Callis, na primeira edição, e com as bandas DCV Punk Rock, Puritanos e Granvizir, na segunda.

Segundo os organizadores, as edições do evento reuniram cerca de 750 pessoas.

O estudante Mateus Graffunder é um dos idealizadores do projeto



Fotos: Arquivo Pessoal

Quem participou

Pedro Andruccioli, membro da banda Puritanos, participou da segunda edição do festival e conta que a experiência foi única. "Ter a oportunidade de ver todo mundo simplesmente curtindo, sem compromisso de horário, no meio da rua e a gente em uma sacada não poderia ser melhor".

O estudante de Publicidade e Propaganda, Bruno Ávila, acompanhou o evento. "Foi bem divertido. Apareceu bastante gente, como o pessoal das repúblicas vizinhas. Até o grupo dos sertanejos com chapéu e bota, foi curtir. Isso prova que esse tipo de evento é bem pacífico e não rola problema nenhum. Foi bem massa, bem divertido", diz Bruno, lembrando que a polícia alertou sobre o bloqueio na rua, mas os organizadores se comprometeram a finalizar o evento às 22h.

PROGRAMA UNIVERSITÁRIO PROTEGIDO - Segurança também é questão de atitude

181 Disque Denúncia Anônima
190 Polícia Militar
197 Polícia Civil
180 Agressão à Mulher
153 3313-0557 Guarda Municipal
100 Pedofilia/ Maus tratos idoso

Deu B.O. ligue

POLÍCIA MILITAR CONSEP POLÍCIA CIVIL MINAS GERAIS UNIUBE

issuu-downloader.com

Vinil, objeto respeitado na **música eletrônica**

Foto: Arquivo Pessoal

O produtor e Dj Robson Bertolaccini defende a qualidade do som dos LPs

Matheus Queiroz
2º período de Jornalismo

Primeiro, veio o vinil, depois, a fita cassete, menor e mais fácil de arquivar. O CD foi um pulo tecnológico que conquistou o mercado e, por fim, o MP3, uma novidade acompanhada pelos *downloads* ilegais, que causaram muita dor de cabeça para as gravadoras.

Mas, ainda hoje, o tradicional disco de vinil (long players - LPS) sobrevive, mesmo movimentando cifras modestas por aqui.

A única fábrica de disco de vinis na América Latina fica no Brasil, na cidade de Belfort Roxo, Rio de Janeiro, e se chama Polysom. "Muitos produtores brasileiros de música eletrônica, como Gui Boratto, Carlos Dallanese e outros mandam prensar o vinil na Inglaterra até por uma questão de custos. A música vai para lá, digitalizada, vira vinil, vende no mundo inteiro", explica o produtor musical e Dj Robson Bertolaccini.

Ele atribui a longevidade do vinil aos diferentes grupos de fãs. "O vinil acabou para a grande população, mas quem é Dj e colecionador ainda trabalha com vinil", explica o produtor musical.

A cena se repete. Com carinho, o Dj tira o vinil da caixa, ergue a agulha com leveza e, poucos minutos depois, anima a galera. Esse mesmo ritual, repetido à exaustão em clubes de música eletrônica pelo mundo, é considerado um dos mais belos movimentos durante a apresentação de um Dj. Para alguns, a qualidade do som do vinil ainda desafia a tecnologia.

A paixão de Robson é tanta que, desde 2009, ele e os produtores musicais Daniel Oliveira e Leonardo Borges se reúnem, aos sábados, com um grupo de amigos para ouvir música eletrônica a partir dos LPs.

"Ouvimos basicamente música eletrônica underground. Algumas pessoas são convidadas e participam com a gente", explica Robson.

O Dj diz que, além de entretenimento, as reuniões são também momentos de troca de experiências e de elaboração de novas mixagens.

issuu-downloader.com

Tocando no escuro

Dj J.Edu é exemplo de competência

Luiza Carvalho
2º período de Jornalismo

Entre os Djs profissionais de Minas Gerais, um deles merece atenção especial pela competência e pela sua história pessoal e profissional. Seu nome é José Eduardo Fontoura de Oliveira, mais conhecido em Uberaba e região como Dj J Edu. Quando tinha 14 anos de idade, perdeu a visão após ter feito uma cirurgia de catarata. Nessa mesma época, começou a se interessar por música e, então, surgiu a ideia de gravar fitas. "Na época, tinha bandas que estavam parando de tocar e não tinha ninguém para fazer as festas. Aí eu tive a ideia de pegar a caixa de som e começamos a fazer festa com toca-fita", conta o Dj.

Trabalhando na área há mais de 30 anos, Edu abriu sua própria firma, a J Edu Som e Iluminação, em julho de 1978, que realiza eventos com diferentes propostas e monta som e iluminação especial para festas. Uma das parcerias de mais destaque é com a Festa do Tim, que faz sucesso na região há quase 30 anos.

A deficiência visual não atrapalhou os objetivos de Edu, pois a ausência da visão fez com que ele desenvolvesse melhor a audição. "A gente passa a prestar mais atenção no que ouve, porque a visão nessa hora não faz falta", afirma ele.

Com a evolução da tecnologia, a profissão de Dj mudou, tornando-se um mercado mais fácil e mais competitivo. José Eduardo explica que os Djs de hoje apenas escolhem as músicas, porque os aparelhos fazem tudo por meio de programas que direcionam o trabalho digitalmente.

Os profissionais de antigamente precisavam conhecer o compasso, o ritmo e como funcionavam os instrumentos que formavam cada música. Hoje, o som eletrônico é inteiramente sintetizado. "Antigamente, você entrava em um estúdio, gravava acusticamente, tinha que gravar a batida e fazer a base. Ali se fazia o tempo e ia fazendo looping, emendando fisicamente as fitas de rolo que existiam na época. Era trabalhoso montar, mas era arte", afirma o Dj J Edu, que acompanhou a evolução da tecnologia até chegar aos dias de hoje, em que se trabalha com controladores, notebooks e aparelhos sofisticados que facilitam o trabalho.

Atualmente, o mercado de trabalho cresce de forma rápida e surgem novos Djs a todo momento, portanto é preciso se diferenciar e estar sempre inovando para obter destaque. O Dj J Edu explica que os profissionais mais novos já não se interessam por como as coisas funcionavam no início. Geralmente, conhecem a teoria mas não conhecem a prática dos processos de mixagem, que eram bem mais complexos. "Os mais antigos conhecem a técnica; esses, sim, têm mais bagagem de conhecimento e experiência.

Hoje a questão é bom gosto. É saber escolher uma música boa, uma versão boa, um arranjo legal para que você possa agradar as pessoas", defende.

Para os Djs mais novos, Edu deixa seu recado: "Eu acho que cada um tem que buscar descobrir como as coisas funcionam melhor hoje, mas conhecer também como funcionava antes, para se ter ideia de quanto vale um trabalho, quanto vale um aperfeiçoamento. Isso é que difere um dos outros".

Fotos: Arquivo Pessoal

issuu-downloader.com

Marta De Vito herdou a paixão e, hoje, toca nove instrumentos

Marta De Vito é multi-instrumentista. Ela toca nove instrumentos: piano, teclado, sintetizador, órgão de pedaleira, flauta, xilofone, percussão, bateria e acordeão. Professora do Conservatório estadual de música Renato Frateschi, além de maestrina, cooderna o projeto que incentiva alunos a participar da orquestra. Sua vida foi recheada de notas e belas melodias, seu pai era violonista e sua mãe cantora. Apreciadora da boa música, Marta começou sua vida de musicista bem cedo. Com seus ouvidos apurados, tornou-se reconhecida no cenário uberabense.

Paulo Ricardo Brandão
4º período de Jornalismo

JORNAL REVELAÇÃO. Como começou sua vida na música?

Marta De Vito. Minha família é composta por músicos. Meu pai era violonista, minha mãe cantava na igreja. Sempre tive um envolvimento com a música. Eu comecei a estudar com seis anos de vida, em uma escola particular.

REVELAÇÃO. Quem foi o seu maior incentivador?

Marta. Foi a minha mãe. Infelizmente, eu nunca tive incentivo de professores; não sei se pelo meu jeito de ser, ou por ser sempre independente. Faço o que gosto. Não faço nada obrigada.

REVELAÇÃO. Você toca vários instrumentos. Logicamente tem um predileto. Qual é?

Marta. Eu fiz um laboratório. Meu primeiro instrumento foi o piano, que sou apaixonada. É meu predileto. Por ele, transmito o que sinto, pelo fato de sua extensão, e tem como fluir, me envolver. Acho o mais lindo de todos. Mas depois do piano, passei para o teclado, órgão de pedaleira. Sai das teclas, fui para o violão, flauta, mais tarde, uma mudança radical: bateria e percussão.

REVELAÇÃO. Qual seu estilo musical?

Marta. Sou eclética. Vou desde o popular aos clássicos, mas o que me chama mais atenção é o estilo gótico, que combina mais comigo.

REVELAÇÃO. O que a música traz para você?

Marta. Paz, harmonia,

issuu-downloader.com

alegria, desabafo, lembranças dos momentos. Uma meditação em que posso me expressar.

REVELAÇÃO. Durante o tempo em que estudava, pensou em desistir?
Marta. Dei um tempo quando tinha 17 anos, porque fui fazer faculdade. Não tinha muito tempo para estudar, minha professora exigia muito de mim, era difícil agradá-la. Comecei a fazer faculdade, fiquei uns três anos cursando Psicologia. Casei, e, um ano depois, chegou minha primeira filha e tive que trancar a matrícula porque não tinha com quem deixá-la. Não voltei para a faculdade, fui terminar meus estudos de piano. Música que sempre foi e será minha paixão.

REVELAÇÃO. O que a música significa para você hoje?
Marta. A música foi o único casamento que está durando até hoje. Meu amor eterno. Resumindo, é minha vida, não vivo sem. O tempo que não estou dando aula, estou ouvindo música, ou tocando, mas sempre com uma música. É uma terapia, uma purificação do espírito, relaxa, nos faz pensar, fluir novos pensamentos, sonhar. Marca cada fato, cada momento em nossas vidas.

> "É uma terapia, uma purificação do espiríto, relaxa, nos faz pensar, fluir novos pensamentos, sonhar

REVELAÇÃO. Você é professora do conservatório Renato Frateschi. Como você encara a juventude de hoje em relação à música de um modo geral?
Marta. A geração de hoje está muito eclética. Tenho alunos que admiram a música erudita até o rock. A maioria quer estudar para montar bandas. Tenho vários alunos que formaram banda. Eu fico muito feliz com isso. A maior bênção para uma professora é ver seu aluno se realizando, e eu já vi muitos. Sou uma pessoa feliz porque tenho muitos alunos e ex-alunos que têm grande admiração por mim. Nos tornamos uma família.

REVELAÇÃO. Além de musicista você também é maestrina. Qual a maior dificuldade que já enfrentou enquanto maestrina?
Marta. Maestrina foi um desafio na minha vida. Eu sonho muito, e gosto de transformar em realidade, mas valeu o desafio juntamente com minhas colegas, professoras Sirlene, Claudia, Noemi, Sonibey, especialmente o professor Giordan, Aulete. Montamos uma orquestra sintetizada com alunos de musicalização até o 8º ano. Tocamos vários estilos musicais e isso agrada bastante ao público.

REVELAÇÃO. O que te motivou a criar a orquestra sintetizada?
Marta. Fui chamada para participar de um projeto de teclados. Como meus horários não batiam, resolvi chamar umas colegas de trabalho e montar um desafio: tocar músicas de vários estilos, com vários instrumentos e com alunos iniciantes até o 8º ano.

REVELAÇÃO. No cenário brasileiro, a música erudita ocupa pouco espaço. O que você acredita que é possível fazer para reverter esta situação?
Marta. Reverter, nos dias de hoje, em minha opinião, é muito difícil porque a mídia não lança clássicos. Se tivéssemos programas que apresentassem a noite do jazz, música popular, seria uma forma de educar, mas infelizmente temos músicas, que não podemos nem mesmo dizer que é música. Mas o que é apresentado na televisão e lançado pela mídia é que faz sucesso. As pessoas seguem a sociedade, o que está no topo, não importa se está entendendo a melodia, harmonização, mas faz sucessão. Como professora, eu respeito os gostos de cada

Fotos: Paulo Brandão
Marta foi uma das responsáveis pela criação da orquestra sintetizada

um e sou obrigada a saber todos os estilos porque tenho que agradar todos os meus alunos, afinal, sou professora e tenho que honrar meu diploma com ensinamentos.

REVELAÇÃO. Qual sua opinião sobre os novos estilos que surgiram nos anos 2000?
Marta. Surgiram estilos bons, mas sobressaíram mais os que foram produzidos pela mídia, deixando para trás muita gente com talento e com músicas mais elaboradas.

REVELAÇÃO. Se pudesse mudar algo em você ou na sua vida, o que mudaria?
Marta. Primeiramente, tentaria estudar outros instrumentos, teria minha própria escola, com minha metodologia, com meu estilo.

REVELAÇÃO. Se não existisse a música, como seria nossa vida?
Marta. Um tédio, pois há música para todos os estilos e gostos. É uma terapia, uma forma de você passar suas emoções. A música é que embeleza a vida e nos dá ânimo. Quem vive com a música tem uma cabeça ótima... A música é tudo na minha vida.

REVELAÇÃO. Quem é a Marta, hoje?
Marta. Eu, Marta, sou uma pessoa severa, falo a verdade, não sou de passar a mão na cabeça e dizer "está lindo". Se estiver feio, eu falo mesmo. Sou chata, gosto de perfeição, gosto da minha privacidade. Não sou fácil de esquecer quem me magoa. Sou uma pessoa feliz e, ao mesmo tempo, um pouco depressiva. Amo meu trabalho, alunos, amigos, minhas filhas. Adoro brincar, relaxar, se precisar ajudar, eu ajudo com maior prazer. Amo meu trabalho, o que faço, meus estudos, meus alunos. No conservatório, esqueço-me dos problemas que a vida me dá. Sou muito feliz.

issuu-downloader.com

AULA INAUGURAL - 06/08

Compareça à recepção de calouros, na quadra coberta do Campus Aeroporto, para apresentação dos dirigentes da Instituição. Só depois, os calouros seguirão para os locais mencionados abaixo.

Multiperiódico - 7h30

CURSOS	LOCAL
DIREITO	P103
ENGENHARIA AMBIENTAL	H 108
ENGENHARIA CIVIL	H 108
ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	H 108
ENGENHARIA ELÉTRICA	H 108
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	H 108
ENGENHARIA QUÍMICA	H 108
MEDICINA	S 315
MEDICINA VETERINÁRIA	Hospital Veterinário
ODONTOLOGIA	Z206

Noturno – 18h30

	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	Anfiteatro da Biblioteca
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
DIREITO	P103
DESIGN DE INTERIORES	V01
ENFERMAGEM	A110
ENGENHARIA AMBIENTAL	H108
ENGENHARIA ELÉTRICA	H108
ENGENHARIA CIVIL	H108
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	H108
ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	H108
ENGENHARIA QUÍMICA	H108
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	H108
FÁRMACIA	D14
FISIOTERAPIA	S310
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	A007
PROCESSOS GERENCIAIS-ÊNFASE EM AGRONEGÓCIOS	G01
ODONTOLOGIA	Z304
PSICOLOGIA	A08
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	J06

issuu-downloader.com